

“Quando eu Soltar a Minha Voz”

Propostas para Ampliar um Olhar Musicoterápico

Danielle Duleba*
Talita Rodrigues Nunes**

Resumo

Este trabalho se propõe a refletir sobre a dinâmica da expressão verbal trazida pelo cliente sob os olhos do musicoterapeuta, sabendo-se que este profissional vê este indivíduo e suas diversas formas de expressão com um olhar diferenciado. Trata-se da dinâmica comunicacional, portadora de vários elementos expressivos presente nas relações humanas. Há uma preocupação em mostrar esta comunicação dentro do contexto terapêutico e suas particularidades por estar inserido num âmbito tão especial como o clínico musicoterápico. Propõem-se possibilidades para se ampliar o olhar musicoterápico para esta expressão falada do cliente, utilizando-se para isto conhecimentos de outras áreas afins à musicoterapia.

Palavras-chave: Comunicação, Expressão Verbal, Musicoterapia.

Abstract

This work proposes to reflect about the verbal expression dynamics brought by the client under music therapist eyes, knowing that this professional sees this individual and his expression several forms with one look differentiated. It brings the communicational dynamic, which has several expressive elements present bearer in

* Musicoterapeuta graduada pela FAP – Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: daniduleba@hotmail.com

** Musicoterapeuta graduada pela FAP – Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: tapessoa@ig.com.br

the human relations. There is a preoccupation in show this communication inside the therapeutic context and its particularities for being inserted in a scope so special as the Music Therapy clinical. Possibilities are proposed for enlarge the Music Therapy look for this verbal expression of the client, using for this knowledge of others similar areas to Music Therapy.

Key-words: Communication, Verbal Expression, Music Therapy.

Eu e o som somos um só. Sou musicoterapeuta.³²

Este trabalho foi escrito a partir da Monografia “A Dinâmica da Expressão Verbal do Cliente Sob o Olhar Musicoterápico” apresentada pelas autoras, Danielle Duleba e Talita Rodrigues Nunes, ao Curso de Graduação em Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná – FAP, no ano de 2002, sob a orientação da Prof^a Jônia Maria Dozza.Messagi. A proposta originou-se numa curiosidade em saber se musicoterapeutas brasileiros, profissionais que essencialmente trabalham com sons e músicas, observam e analisam a expressão verbal de seus clientes.

Para abordar este tema, é necessário, a princípio, conceituar comunicação, pois a expressão verbal só tem sentido no âmbito das trocas humanas. Pode-se entender comunicação como um processo interacional onde trocas de mensagens são realizadas. Watzlawick vê a comunicação como um veículo das manifestações observáveis de um indivíduo, acrescentando que “um indivíduo precisa ser entendido por um outro para entender-se a si mesmo e para ser entendido pelo outro, precisa primeiro entender este outro”.³³

Neste ciclo criado pela necessidade da comunicação, toda manifestação possui uma mensagem a ser levada. As palavras, os silêncios, a movimentação, a inatividade, todos estes elementos comunicam. Não há como o ser humano não comunicar e, por conseguinte, envolver-se num processo interacional.

32 CUNHA, Rosemyriam, adaptado de KLIE, Paul, 1999.

33 WATZLAWICK, Paul, BEAVIN, Janet H. e JACKSON, Don D., 1977 p. 48.

Esta interação, com uma mensagem, originada num emissor e destinada a um receptor, é composta de particularidades, informações digitais e analógicas. Ainda segundo Watzlawick,

Na comunicação digital só existe uma correspondência arbitrária entre o item particular de informação e sua expressão digital (...) Sempre que se utiliza uma palavra para denominar alguma coisa, é evidente que a relação entre o nome e a coisa denominada é arbitrariamente estabelecida. Na comunicação analógica existe algo particularmente 'como-coisa' naquilo que é usado para expressar a coisa. A comunicação analógica pode referir-se mais facilmente à coisa que representa. (...) é toda a comunicação não-verbal (...) O termo deve abranger postura, gestos, expressão facial, inflexão da voz, seqüência, ritmo e cadência das próprias palavras, e qualquer outra manifestação não-verbal de que o organismo seja capaz, assim como as pistas comunicacionais infalivelmente presentes em qualquer contexto em que uma interação ocorra.³⁴

O musicoterapeuta, tendo uma escuta diferenciada, pode utilizar-se de ambas as informações, digitais e analógicas, para compreender seu cliente. Neste trabalho, entretanto, procura-se um enfoque maior na comunicação analógica, por entender-se que este tipo de linguagem é a mais utilizada por este profissional.

Observando o indivíduo como um todo e buscando uma ampliação da leitura musicoterápica, ressaltam-se particularidades da escuta quando esta está inserida num contexto terapêutico. A maneira como o musicoterapeuta escuta/observa os elementos trazidos pelo cliente irá influenciar sua análise sobre a expressão deste cliente no setting musicoterápico.

O musicoterapeuta diferencia-se de outros profissionais terapeutas por observar e escutar o conjunto de expressões essencialmente musicais trazidas pelo cliente, desenvolvendo uma leitura musicoterápica. Tendo-se uma visão de música abrangente, que englobe qualquer produção sonora, incluindo sons internos do organismo, sons externos, o silêncio e o movimento, pode-se observar toda manifestação do indivíduo como sendo sonoro-musical.

Sem intencionar uma polêmica relacionada à definição de musicoterapia como uma terapia "não-verbal", acredita-se que não se

34 Ibid. p. 56.

pode excluir desse cenário o verbal, pois a fala é resultado de emissão de som, vibração de cordas vocais. É transcendendo essa definição, na expressão verbal percebe-se a existência de uma “música” das palavras, como apresentado anteriormente, a combinação entre elementos digitais (palavras) e analógicos (forma) nas mais variadas manifestações do homem.

O musicoterapeuta lida com aspectos analógicos da comunicação, principalmente quanto à interpretação de elementos musicais surgidos no setting musicoterápico. Cabe, então, incluir nesses aspectos sonoro-musicais analógicos, a sonoridade intrínseca das palavras.

Carlos Fregtman diferencia a “forma” e o “conteúdo” da expressão verbal e coloca como um dos objetivos de trabalho do musicoterapeuta justamente identificar estes elementos na fala do cliente e interpretá-los para compreender a mensagem que está querendo ser passada. “... muitas vezes a ‘forma’ da mensagem verbal (entonação, ritmo, intensidade, textura) é percebida antes do ‘conteúdo’. Decodificar essas mensagens é o trabalho que o musicoterapeuta se propõe todos os dias”.³⁵ Cabe, então, ao terapeuta captar as múltiplas mensagens demonstradas no setting, para que haja identificação do que existe além do conteúdo explícito e objetivo trazido pelo indivíduo. Perceber o que está intrínseco nas formas de expressão do cliente contribui para uma acolhida adequada por parte do terapeuta.

Entende-se, pois, que os elementos não-verbais do discurso verbal conferem uma dinâmica específica às estas manifestações. Esta dinâmica fornece informações sobre o indivíduo que está aos cuidados do musicoterapeuta.

Conforme Feldman e Miranda, quando o terapeuta escuta seu cliente pode perceber que seu discurso se divide em duas partes:

O conteúdo verbal ou o conjunto das palavras, que corresponde à letra de uma canção; e a ‘música’ que acompanha esse conteúdo, formada da entonação da voz, de sua altura, intensidade e timbre, do ritmo das palavras, das pausas entre uma e outra e da respiração de quem fala.³⁶

35 FREGTMAN, Carlos Daniel, 1989 p. 50.

36 FELDMAN, Clara e MIRANDA, Márcio Lúcio, 2002, p. 107.

Pode-se fazer a relação entre o que os autores chamam de “letra de uma canção e a música que a acompanha” com o que Watzlawick³⁷ denomina de comunicação “digital e analógica”. Ressalta-se assim, no discurso verbal, a música contida nas palavras dos indivíduos – não “atrás das palavras” como alguns autores colocam, mas “junto” com elas, no mesmo patamar por serem intrínsecas uma à outra - e a importância da percepção destas nuances pelo terapeuta.

No ambiente terapêutico escutar é premissa fundamental a ser observada pelo terapeuta, pois o indivíduo que busca a terapia quer ser escutado. Cabe ao terapeuta ampliar e desenvolver sua escuta, estando sempre atento às ‘comunicações’ de seu cliente.

No campo da musicoterapia, o profissional atua com o diferencial de poder realizar uma escuta musical e musicoterápica de seu cliente. A escuta musicoterápica engloba a escuta musical e vai além, por estar contextualizada no setting musicoterápico e considerar a história de vida do cliente em sua produção sonora. Pode-se, talvez, dizer que a escuta musical está relacionada com a linguagem digital e a escuta musicoterápica, com a linguagem analógica da “música do cliente”.

O musicoterapeuta está sensível ao fato de que os indivíduos possuem suas próprias músicas, têm seus sons característicos. Cada pessoa, ao longo de sua caminhada, constrói sua Identidade Sonora, e a todo o momento se expressa das mais diversas maneiras: através de palavras, canções, sons.

O estudo preparatório para a elaboração da monografia originária deste texto, bem como o interesse em busca de acalmar algumas inquietações pessoais quanto à prática clínica, resultou em algumas propostas de análise da dinâmica da expressão verbal trazida pelo cliente.

Três propostas são sugeridas a partir de conhecimentos de áreas afins à musicoterapia que podem ser correlacionados e incorporados à visão do musicoterapeuta referentes à expressão verbal.

37 WATZLAWICK, Paul, BEAVIN, Janet H. e JACKSON, Don D., 1977.

Palavra por Palavra

Um primeiro foco proposto é a própria palavra que pode trazer informações complementares à leitura musicoterápica. Não se trata, porém, de utilizá-la como ferramenta tal qual as psicoterapias o fazem, mas estar atento a esta manifestação do cliente.

No contexto terapêutico, os indivíduos capazes de falar utilizam a função social de palavra e som para se comunicar. Quando o discurso verbal emerge pode-se perceber que:

Tudo o que é importante se repete, várias vezes, na fala do ajudado – é o tema central que vai e volta, ainda que sob formas diferentes até que ele o tenha explorado inteiramente e possa passar a outro tema. O que é importante é dito com grande intensidade pelo ajudado – ele pode alterar o tom da voz, encher os olhos d'água, fazer pausas; enfim, cada vez que ele tocar num ponto relevante, haverá uma mudança na música que acompanha suas palavras.³⁸

O musicoterapeuta diante do discurso verbal de seu cliente pode identificar o tema recorrente da fala. Pode parecer óbvio, mas muitas vezes o ajudado não está percebendo sua temática central. Cabe ao terapeuta, no momento adequado, ajudar o cliente a identificar elementos importantes em seu discurso verbal. Também através da identificação do tema central, encaminhar o processo terapêutico para a abordagem adequada que supra as necessidades mostradas pelo cliente.

Dependendo da abordagem seguida pelo musicoterapeuta isto pode se dar no plano do verbal, no contato visual silencioso, através do corporal, dentro do contexto musical ou em mais de um plano ao mesmo tempo. De qualquer forma, independentemente da leitura utilizada, precisa-se ressaltar a importância do musicoterapeuta responder adequadamente ao sentimento trazido no discurso verbal do cliente.

38 FELDMAN, Clara e MIRANDA, Márcio Lúcio, 2002, p.108-109.

Ao responder adequadamente ao discurso de seu cliente, o musicoterapeuta estará contribuindo, ainda, para a manutenção do vínculo terapêutico, bem como, aprofundando o nível de relacionamento e comunicação que o indivíduo pode estabelecer consigo e com outras pessoas.

Outra forma de se observar o discurso verbal literalmente é perceber que “uma pessoa pode contar a história de sua vida como uma forma de defender seus valores ou sua visão”.³⁹ O musicoterapeuta ciente dessa função pode captar dados sobre a formação de seu cliente, sobre o meio em que vive, quais valores foram e são arraigados em sua identidade. Em consonância com esses dados, fornecer encaminhamentos adequados ao processo terapêutico.

Coração na Boca

Além do conteúdo literal do discurso verbal que o cliente traz ao musicoterapeuta, também está inclusa na fala a maneira como são ditas as palavras – a sonoridade de cada palavra. O indivíduo colore as palavras que saem de seu interior com diferentes sentimentos. Retoma-se esta peculiaridade existente em cada indivíduo para aprofundar no que se refere à psicodinâmica vocal, quando a pessoa confere formas específicas de se projetar através da voz.

“A voz de cada pessoa está intimamente ligada a sua emoção e a sua personalidade”.⁴⁰ O indivíduo pode tentar se esconder atrás das palavras, mas a voz e a maneira como ela é projetada no ambiente revelam muito sobre seu mundo interno, suas intenções no momento.

Huche e Allali⁴¹ trazem questões pertinentes à projeção da voz que contêm conceitos como o de “Energia de Convicção ou de Determinação”. Estes se relacionam exatamente com o desejo do indi-

39 MOORE, Thomas, 1998, p.311.

40 LELIS, Cláudia, 2002, p. 02.

41 HUCHE, François Le e ALLALI, André, 1999.

víduo agir sobre o outro, gerando um aumento da tensão psíquica/psicomotora, visando aumentar a eficácia da ação verbal.

Para atingir este objetivo, o indivíduo, consciente ou inconscientemente, utiliza-se de modificações ocorridas na área da elocução como aumento da intensidade vocal, elevação da altura tonal, aumento no fluxo verbal e aumento da precisão da articulação.

Ao conferir determinada intensidade, o indivíduo busca atingir o outro. Ao aumentar a intensidade, o indivíduo está enfatizando o que diz. “É uma primeira manifestação possível da força da energia de convicção, para dar mais apoio a uma proposta, para dar provas de firmeza”.⁴²

A altura com que a voz é projetada, ou seja, o tom das palavras, pode conferir diferentes significados para uma mesma colocação. Quando se aumenta a altura tonal da voz, esta se torna mais aguda, aumentando a energia de convicção sobre o que foi dito.

O fluxo verbal pode ser relacionado ao ritmo com que as palavras são ditas. O aumento ou diminuição deste demonstram o nível de engajamento do indivíduo com o que está expressando verbalmente. Quando o ritmo aumenta, pode-se pensar que o indivíduo está entusiasmado e quer reforçar o que diz. Mas o excesso de aumento no ritmo do fluxo verbal pode acarretar dificuldades articulatórias, tornando a fala confusa e incompreensível.

O aumento da precisão da articulação destaca as idéias que o locutor quer enfatizar. “Falar destacando cada sílaba reforça a clareza da articulação, de torná-la mais cuidada, mais vigorosa, traduz o aumento da determinação daquele que fala”.⁴³

Os autores colocam ainda que a direção assumida pela energia de convicção não é o mais importante para o sucesso da ação vocal empreendida, mas sim o nível de energia posto a atuar e a eficiência com que essa energia é utilizada, o que depende do estilo pessoal de cada indivíduo.

Reforçar o que se diz é uma maneira de auto-afirmar opiniões e

42 Ibid., 1999 p. 252.

43 Ibid., p. 254.

propostas. Essas colocações geralmente estão imbuídas de sentimentos que se manifestam na forma como o indivíduo diz as palavras.

Atrás de cada palavra e de cada silêncio está presente um sentimento ou uma mistura de muitos. (...) É fundamental que cada sentimento seja percebido e captado e que sua percepção seja comunicada ao ajudado.⁴⁴

Ao perceber os sentimentos expressos no discurso verbal, seja pela forma como são ditas as palavras, ou pelo significado semântico das mesmas, o musicoterapeuta tem a possibilidade de ampliar seu entendimento sobre o indivíduo que está a sua frente buscando ajuda.

O musicoterapeuta também pode objetivar que seu cliente realize uma auto-escuta, contribuindo para um autoconhecimento, auxiliando o indivíduo em seu processo de conexão ou re-conexão entre sua expressão e sentimentos internos que queira transmitir. “Quando o som de uma pessoa está conectado com sua emoção podemos sentir seu colorido, sua vibração, sua energia”.⁴⁵

Não se Espante, Cante

Após a explanação sobre alguns aspectos do discurso verbal, pode-se perceber que as palavras não se mostram sozinhas porque são sonorizadas. Estão sempre interligadas ao sentimento quando se trata de expressividade. Ritmo, intensidade, timbre, altura são elementos musicais observáveis nos discursos de todos os indivíduos, conferindo emoção às palavras.

Constata-se que as palavras têm sua própria música. E mais: não apenas têm música como também são músicas, uma vez que possuem elementos musicais e a forma é intrínseca ao conteúdo (e vice-versa) no discurso verbal.

Conforme Schafer⁴⁶, “para que a língua funcione como música, é necessário, fazê-la soar, e então, fazer desses sons algo festivo e

44 FELDMAN, Clara e MIRANDA, Márcio Lúcio, 2002, p.148.

45 LELIS, Cláudia, 2002, p. 02.

46 SCHAFER, Murray, 1991, p. 240.

importante. À medida que o som ganha vida, o sentido define e morre”. Assim, pode-se entender como “as línguas estrangeiras também são música quando o ouvinte não compreende nada de seu significado”.

O autor fala de praticamente uma fusão entre palavra e música, o que não surpreende quando já se tem dito que palavra também é música, ou pode ser vista como música. É o que Moore⁴⁷ quer dizer quando menciona que a linguagem, ao aproximar-se da emoção pode desintegrar-se, “à medida que o senso se aprofunda no contra-senso”.

Ainda referindo-se a Schaffer, é interessante colocar que ele faz um estudo específico das palavras e suas sonoridades num capítulo de seu livro chamado “Quando as palavras cantam”. O autor discorre sobre diversas formas de análise das sonoridades intrínsecas das palavras. “Algumas palavras têm sons contínuos ou repetidos para sugerir movimentos repetidos; algumas são pequenas e secas, para sugerir uma ação repentina ou interrompida”.⁴⁸

Ele refere-se ainda a particularidades das palavras como as vogais e consoantes, fazendo uma colocação muito própria para este contexto, dizendo que

As vogais, como diziam os antigos humanistas rabínicos, são a alma das palavras, e as consoantes, seu esqueleto. Em música, são as vogais que dão oportunidade ao compositor para a invenção melódica, enquanto as consoantes articulam o ritmo.⁴⁹

Experimentar escutar a música das palavras do cliente, dissociada do conteúdo literal, possibilita uma outra forma de ampliação sobre a percepção desse indivíduo que busca a musicoterapia como forma de ajuda.

“O psicoterapeuta como músico deve ter ouvido para as modu-

47 MOORE, Thomas, 1998, p. 332.

48 SCHAFER, Murray, 1991 p. 221.

49 Ibid., p. 224.

lações e a harmonia que ressoam profundamente com os eventos melódicos (pessoais) da vida”.⁵⁰

Os elementos musicais conferem movimento às palavras.

Ritmo, melodia, durações e alturas, apresentam-se ao mesmo tempo, um nível dependendo do outro. O ritmo é uma “especulação sobre o tempo (...) com função de criar estados de tensão e exprimir energia vital por meio de acentuações e alternâncias de tempos fortes e fracos”.⁵¹

Ao se observar o ritmo das palavras faladas pelo cliente pode-se perceber em quais elementos são colocadas mais ênfases. A melodia é “o elemento afetivo, psicológico, envolvendo emoção e resultando de construção. (...) A melodia tem acesso direto ao nosso eu, mexendo com nosso corpo, nossa mente, nossas emoções”.⁵² Pode-se correlacionar a melodia à afetividade que o indivíduo confere ao seu discurso verbal. Perceber um discurso sem nuances melódicas pode dar a sensação de monotonia.

Moore, em seu livro *A emoção de viver a cada dia*, escreve um capítulo sobre o que intitula “Música da Alma”, que vem ao encontro deste olhar musicoterápico, do terapeuta que utiliza “lentes musicais” para observar a fala do indivíduo que o procura. Ele fala do que este capítulo traz como “música das palavras”, referindo-se a esta música como uma metáfora do próprio indivíduo:

Desde o começo, compreendi que Boécio estava dizendo não que a música que ouvimos é uma metáfora para o que se passa na alma, mas que a música que criamos com a voz ou instrumentos é uma expressão ou representação da música essencial da natureza e do ser humano. Em nossa própria constituição, somos musicais, assim como o próprio mundo. A música que ouvimos é uma metáfora da natureza humana.⁵³

Vistas essas considerações, cabe ao musicoterapeuta, perceber as variações da dinâmica verbal de seu cliente para conhecê-lo, en-

50 MOORE, Thomas, 1998, p. 277.

51 SEKEFF, Maria de Lourdes, 1996, p. 52

52 Ibid., p. 67.

53 MOORE, Thomas, 1998, p. 277.

tendê-lo, compreendê-lo formulando uma resposta adequada ao que se almeja dentro de um processo musicoterápico.

Existem outras possibilidades e nuances não referidas no momento que também podem contribuir para o musicoterapeuta em sua atuação profissional. Mas o intuito principal apresentado nesse artigo é ampliar a visão musicoterápica sobre os elementos da dinâmica verbal do cliente, propondo a interligação entre elementos musicais e a expressão verbal, a análise pelo conteúdo literal e a observação da forma acústica das palavras.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Rosemyriam. Escuta terapêutica: sons, silêncios e palavras. In: Anais do Encontro Paranaense de Musicoterapia e II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Curitiba: AMT-PR, 2001.

FREGTMAN, Carlos Daniel. Corpo, música e terapia. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

FELDMAN, Clara. MIRANDA, Márcio Lúcio. Construindo a relação de ajuda. 13 ed. Belo Horizonte: Crescer, 2002.

HUCH, François Le e ALLALI, André. A voz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LELIS, Cláudia. O som da pessoa. In: Jornal da Musicoterapia. Boletim Informativo semestral da Associação de Musicoterapia do Paraná. Tiragem: 6000 cópias. Fábrica de Comunicação Júnior da UFPR, 2002.

MOORE, Thomas. A emoção de viver a cada dia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

SCHAFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: UNESP, 1991.

SCHAEFFER, Pierre. Tratado dos objetos musicais. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

SEKEFF, Maria de Lourdes. Curso e dis-curso do sistema musical (tonal). São Paulo: Annablume, 1996.

WATZLAWICK, Paul, BEAVIN, Janet H e JACKSON, Don D. Pragmática da comunicação humana. Rio de Janeiro: Cultrix, 1977.